

os pioneiros domiciano José lemos



O jovem casal Maria e Domiciano, em 1924.

Nos guias turísticos editados no país, quem procurar alguma indicação sobre a mineira cidade de Passos ficará sabendo que se situa numa região muito saudável, com próspera pecuária e diversificada agricultura. É uma descrição correta, porém incompleta. A falha, no caso, fica por conta de um curioso cruzamento de destinos que reuniu, na mesma cidade, em tempos iguais ou próximos, diferentes pessoas e famílias que mais tarde iriam criar ou dirigir pelo menos quatro das empresas e grupos ligados à distribuição de gás engarrafado no país. Pois é também em Passos que começa esta história. Ou um pouco antes, conforme conta Domiciano José Lemos, nosso personagem principal.

“Os Lemos estão em Minas há muito tempo. Vieram de Portugal, mas consta que a família é de origem galega, coisa que nesta altura não se pode averiguar e é de menor importância. Meu bisavô, Manoel José Lemos, chegou ao Brasil e foi se estabelecer na região de Candéias, em Minas Gerais. É o patriarca da família. Casou-se e teve quatro filhos. Enviuvou e se mudou com filhos e parentes para as terras onde hoje está situada Passos. Foi um dos fundadores da cidade. De um segundo casamento teve mais catorze filhos.”

Como não podia deixar de ser, estes tantos Lemos geraram muitos outros Lemos e a família se espalhou pela região. A maioria trabalhando na terra, plantando ou criando gado. E viram chegar a independência e viram passar o império. Viram a abolição e a chegada da República. No começo deste século viram o Halley passar nos céus de suas fazendas. Naquele tempo, os anos e as décadas se mediam em safras e plantios, períodos de gado gordo ou de vacas magras. As vezes, uma grande se-



Formoso da Serra, lembrança da vocação rural, sempre presente na vida da família.



Sede da Fazenda Marrecas, em Passos, onde nasceu Domiciano José Lemos.

ca ou descomunal enchente balizavam períodos maiores. As notícias do mundo chegavam pelos tropeiros ou cartas de filhos dos mais abastados. Eles iam estudar em São Paulo, no Rio de Janeiro e muitos na Europa. Aos poucos, o mundo foi se aproximando das fronteiras físicas e espirituais de Minas. De repente, o que acontecia muito longe podia se refletir no preço do café ou na arroba do boi. Os incontáveis Lemos de Passos começaram a olhar para um novo país que se transformava e oferecia novas possibilidades de estudo e trabalho.

Lá pelos idos de 1925, um destes Lemos, o menino Domiciano José, nascido em 1912 na Fazenda Marrecas, propriedade de seu pai, está cursando em São Sebastião do Paraíso o único ginásio oficial da região. Um dia, atendendo ao chamamento urgente de um tio, volta a Passos. O pai adoecera e é preciso que o garoto assumira, ou pelo menos ajude a tocar, os negócios da família.

A troca do ginásio pelos afazeres da fazenda custa o sonho de um curso superior de engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto. Mas, Deus é Deus, a vida é a vida e o que importa é saber ganhá-la com honestidade. Por sorte e para felicidade de todos o pai se recupera, mas o trabalho continua a ser tocado também pelas mãos do filho. A vontade de ser engenheiro ficou na eterna curiosidade de experimentar técnicas novas e na fascinação por todo tipo de maquinismo.

O pai observava o filho:

— Este menino não pode ver uma rodinha girando...

O negócio da família é a engorda de gado. Compram-se rebanhos magros vindos de Goiás e Mato Grosso para serem engordados em suas invernadas. Depois o gado é levado até Três Corações, que naquele tempo se chamava Rio Ver-

de. Ali os rebanhos são vendidos em grandes feiras e depois seguem para o abate, no Rio de Janeiro. O produto da venda, contado em contos de réis, vem pelas mãos do capataz em muitas léguas de caminhos ermos e pernoites em cabanas. Assaltos não acontecem. As pessoas se conhecem e se confiam. Em muitas coisas o mundo ainda não mudou.

Em 1934, Domiciano começa a plantar algodão na fazenda. Tudo feito com muito apuro e cuidado. Nesse cultivo é usado o primeiro trator de esteiras que chega a Passos. É uma modernidade! A etapa seguinte é adquirir, em sociedade, uma máquina de beneficiamento de algodão. Na cabeça de seu Domiciano esta será apenas uma fase para o sonho maior: a implantação de uma indústria têxtil na região.

O beneficiamento do algodão não é um bom negócio nem traz os resultados esperados. Fica, da época e da iniciativa, uma história muito engraçada. Para proteger e decorar o escritório da firma é encomendada, em São Paulo, uma grande tela a óleo. O quadro retrata a Sagrada Família, com um detalhe interessante: a Virgem Maria empunha um fuso, instrumento antigo das fiandeiras, enquanto contempla enternecida, as carpintarias do esposo e do Filho. Tudo aureolado por uma bela luz diáfana! No chão, pombinhos ciscam em meio às aparas de madeira... Total convite à meditação! Pois bem. Quando a tal tela é apresentada a José Paiva, um dos sócios da empresa, famoso pelo constante bom humor e espírito de irreverência, seu comentário vem certo:

— É. A tela é muito bonita, mas é bom a gente não seguir o exemplo de Nossa Senhora. Enquanto ela fia, o bom mineiro, quase sempre, desconfia...

Por essa época, Domiciano já está casado com Maria Soares Lemos, a dona Ia, sua com-



Beneficiamento de algodão, um empreendimento que não deu certo...



... foi substituído, na mesma Virgínia, por uma empresa de sucesso, atuando no gip.



Um marco importante para a família. Inauguração da Usina Cel. Azarias José Lemos.



Na inauguração da Gasbel, em Betim, a família reunida.

panheira inseparável nas boas e más empreitadas. O casal tem cinco filhos, sendo que, de saída, chegam dois gêmeos. Depois uma moça e mais dois homens. Todos batizados com nomes que começam com a letra T: Thales, Tácito, Thaiza, Tasso e Thelson. Após o nascimento do quinto filho, dona Ia, com muito humor, não perde a oportunidade para o trocadilho:

— Agora, Domiciano, chega de T!

Lá pelos anos 40, uma febre se alastra por Minas Gerais: a criação do zebu. A idéia é melhorar a raça dos rebanhos e, para tanto, o Banco do Brasil abre uma generosa carteira de empréstimos e financiamentos. É uma corrida desenfreada! Do zebu só se fala maravilhas, todos louvando a sua precocidade e resistência. Tem gente batizando bezerro com champanhe. Ambos com financiamento bancário... Pois é. Um grande criador de Cássia chega a comprar um touro por 500 contos de réis! O bicho é instalado em cocheira condigna, equipada até com pára-raios...

Seu Domiciano, apesar da prudência, não escapa da tentação e também começa a criar zebu em Formoso da Serra.

Certo dia, poucos meses antes de sua queda, o presidente Getúlio Vargas inaugura uma exposição de pecuária em Belo Horizonte. Quem cai neste dia são os pecuaristas mineiros e o sonho do zebu. O presidente, em seu discurso, não acha nada melhor para declarar do que esta bombástica afirmação:

— O país precisa de mais carne, menos orelha e menos cupim...

Contra esse raio presidencial, nem o tal touro de 500 contos está protegido! Seu Domiciano lembra:

— Foi um Deus nos acuda! Todo mundo correndo para ver se conseguia salvar alguma coisa.

Com o zebu vai-se o sonho da indústria têxtil. Pagas as dívidas, a fazenda escapa e com ela umas poucas cabeças de gado. É tempo de recomeçar, mas a vida está difícil. Preocupado com o futuro da família, o fazendeiro procura um amigo, em São Paulo, que trabalha no Banco Itaú:

— Se você souber de um bom negócio, me avise. A fazenda não está dando para nada.

Os amigos são para essas horas. Seu Domiciano, que já havia participado da vida política da terra, sabia bem disso. Tanto sabia que logo deixou a política, por razões de excesso de caráter e lealdade. Sua formação não servia para o ofício. Era muito sincero...

O amigo de São Paulo, que se chama Clovis de Souza, um dia lhe telefona com uma estranha proposta: entrar como sócio de uma empresa de distribuição de gás engarrafado. As ações da tal firma estão à venda e podia ser um ótimo negócio. Naquela época, ninguém na região de Passos, inclusive seu Domiciano, tinha sequer visto um botijão de gás. Isso foi em fins de 55. Para surpresa de todos seus conterrâneos, o fazendeiro topa a parada. Vende a Formosa da Serra e levanta o capital necessário para a compra das tais ações.

É um estranho investimento. Trocar uma fazenda por um negócio com gás? Ninguém põe fé na empreitada. Dizem as más línguas que ele vai vender lenha engarrafada. Todo mundo em Passos faz negras previsões pecuárias: para uns, a vaca vai pro brejo; para outros, seu Domiciano vai dar com os burros n'água...

Sob esta onda de otimismo os Lemos se mudam para Campinas. A tal empresa se chama Supergaz e, apesar das dificuldades iniciais e de uma concorrência feroz, o tempo mostra que a troca da fazenda pelo negócio desconhecido foi uma decisão de muita sabedoria.



O governador Tancredo Neves condecora Domiciano José Lemos com a comenda do Mérito Industrial.



Sede da Fazenda Bela Vista, as raízes em Passos.

A Supergaz, em seu crescimento, incorpora diversas outras empresas, entre as quais a Petrogaz, com sede em Jundiá. Funda também a Gasbel, que opera em Varginha. Neste processo de crescimento acaba surgindo a fusão entre a Supergaz e a Gasbrás — união que dá origem à Supergasbras. A sede do grupo é transferida para o Rio de Janeiro.

É um tempo de muito trabalho, mas a recordação mais amena que seu Domiciano traz destes dias é a dos passeios diários. Longas caminhadas, à beira-mar. Nessas andanças, por certo, estão presentes memórias de outros tempos e lugares. Marrecas e Formoso da Serra não são apenas dois nomes que se pode tão facilmente esquecer. Dona Ia gosta do Rio, com uma ressalva: a distância dos filhos que ficaram cuidando de suas vidas e afazeres em São Paulo e Campinas.

O ano de 74 reserva para a família uma nova reviravolta. Domiciano José Lemos se retira da sociedade da Supergasbras e recebe, como pagamento de sua parte na *holding* da empresa, as distribuidoras Petrogaz e Gasbel. E mais. Uma fazenda em Campinas, de nome Santa Rita do Mato Dentro. Com os filhos ajudando na administração das empresas, seu Domiciano inicia um belo caminho de volta. Troca a fazenda de Campinas por uma grande área no sul do Pará e esta, por sua vez, também é permutada por outra fazenda — a Bela Vista — situada, como não poderia deixar de ser, em Passos. Um pouco mais tarde e um pouco mais longe, desta vez em Goiás, uma nova fazenda vem a ser formada para a criação de nelore: a União dos Retiros.

Para não fugir da linguagem mais familiar, a Petrogaz e a Gasbel crescem, se expandem e acabam dando cria: novas empresas, em outros setores de atividades vêm se somar ao patrimô-

nio e às atividades do grupo. Mas esta é outra história, de uma outra geração. O que importa, o que conta mesmo, é que seu Domiciano está agora cuidando de suas laranjas, do seu café e dos seus bezerros.

Fim melhor para esta história não pode haver.